



Reflexões sobre a relação campo e cidade a partir do sistema de abastecimento alimentar popular do movimento dos pequenos agricultores (MPA) na cidade do Rio de Janeiro

Reflections on the relationship between countryside and city based on the Popular Food Supply System of the Movement of Small Farmers (MPA) in the city of Rio de Janeiro

ROJAS BARRAGAN, Luz Angela¹; NIED, Alice de Maman²; ARAUJO, Andreza dos Santos³; GERALDO, Bruno Gustavo⁴; PAULINO, Camila Borges⁵; PEREIRA, Andresa de Paiva⁶; PALMEIRA, Humberto Santos⁷

¹ Congreso de Los Pueblos, larojasb1983@gmail.com; ² Movimento dos Pequenos Agricultores, alice.nied.ea@gmail.com; ³ Movimento dos Pequenos Agricultores, andrezaaraujo05@gmail.com;

⁴Movimento dos Pequenos Agricultores, b.gustavo26@gmail.com; ⁵Movimento dos Pequenos Agricultores, cb372872@gmail.com; ⁶ Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), andresapp010@gmail.com; ⁷ Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), betop002009@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas alimentares e economia solidária

Resumo: O Sistema de Abastecimento Alimentar Popular (SAAP) MPA se constrói enquanto uma alternativa ao sistema alimentar hegemônico. O SAAP se baseia na luta por soberania alimentar a partir da agroecologia camponesa e de construção de circuitos curtos de comercialização, é um sistema complexo circular aberto, articulando além da produção, a cultura, a formação política, a educação e também variados sujeitos como mulheres, jovens, camponeses, moradores das cidades. Este trabalho busca refletir sobre a relação campo e cidade através do estudo do caso do SAAP do MPA do Rio de Janeiro. O processo de pesquisa foi do tipo qualitativa, através da pesquisa ação participativa, com sistematização coletiva da experiência.

Palavras-chave: agroecologia camponesa; soberania alimentar, movimento dos pequeno agricultores MPA; sistema de abastecimento alimentar popular

Introdução

Com a chegada do agronegócio no Brasil o mundo rural se reconfigura, e a(o) trabalhador(a) rural e as famílias camponesas são devoradas pelo sistema. Nesse contexto da abertura neoliberal e o avanço do capitalismo no campo, nasce, em 1996, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a partir de uma necessidade material dos camponeses em se organizar coletivamente para lutar por melhores condições de vida. Essas demandas estavam avançando na necessidade de construir um projeto para a sociedade, que atualmente se expressa no que o movimento chamou de Plano Camponês (LEAL, 2019). O MPA busca a construção de um projeto popular para o Brasil, sendo a luta por soberania alimentar um eixo



estruturante desse projeto. Para que isso aconteça é preciso encontrar a chave que abre a porta da cooperação e cruzar a ponte da aliança campo e cidade para chegar aos territórios de poder popular.

A soberania alimentar é o eixo que articula a agricultura camponesa ao projeto de abastecimento popular, sendo compreendida como o direito dos povos em decidir sobre suas políticas de produção, distribuição e consumo de alimentos tendo como base a pequena e média produção e a diversidade dos modos camponeses de produção. A soberania alimentar como princípio de luta e de organização camponesa precisa ser traduzida, de um ponto de vista prático, em formas operacionais que sustentam a relação campo e cidade (LEAL, 2019).

O sistema alimentar hegemônico atual se baseia na liberalização comercial e no poder centralizador das firmas transnacionais (FLEXOR, 2006). Ploeg (2019) define essas empresas de impérios alimentares, responsáveis por cada vez mais controlar a produção, o processamento, a distribuição e o consumo dos alimentos, com o objetivo final de aumentar seus lucros. Ao controlar essas diferentes etapas do sistema, os impérios definem o que e como será comercializado, e quem poderá fazer parte desse sistema ou não, levando muitos produtores para as “margens”.

Neste processo se enquadra o Sistema de Abastecimento Alimentar Popular (SAAP), que inicia a dimensão política a partir da atuação juntamente com o Plano Camponês. Resgatando a perspectiva de Edgar Morin (1994) e sua compreensão de sistema, entendemos o SAAP como um sistema complexo, que integra diferentes pessoas, têm múltiplas atividades e ações, não pode ser compreendido em seus fragmentos, está em constante interação com o mundo externo, o que o faz se transformar e se adaptar à sua dinâmica interna e ao seu relacionamento com o mundo exterior.

A proposta do SAAP, entre suas ações, contempla a alimentação saudável com base na agroecologia camponesa e na construção de mercados territoriais através de cadeias curtas. A agroecologia camponesa é entendida como uma práxis multidisciplinar que resgata o conhecimento das comunidades nativas sobre a produção agrícola em diálogo com perspectivas ecológicas e tecnologias de produção, que permitem enfrentar o modelo da agricultura capitalista moderna. Esse desafio é expresso em uma dimensão organizacional de apoio aos agricultores na transição agroecológica, na distribuição e comercialização de alimentos orgânicos e na reflexão com os consumidores sobre os alimentos orgânicos.

A construção de cadeias curtas de produção e distribuição vem como uma antítese às cadeias longas, como forma de resistência dos produtores e consumidores. Cadeias curtas buscam encurtar o caminho que o alimento passa desde onde é produzido até o local que será consumido, eliminando a quantidade de intermediários e atravessadores que encarecem o produto ao consumidor e que não reflete em um pagamento justo aos produtores.

O objetivo deste relato é compreender como é o funcionamento do SAAP do MPA no Rio de Janeiro, reconstruindo o processo do sistema de abastecimento e refletindo sobre a experiência do ponto de vista dos membros da equipe do Raízes do Brasil, um setor que faz parte do SAAP.

Metodologia



Nosso processo de pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, entendida como uma aproximação de situações sociais para explorá-las, descrevê-las e compreendê-las de forma indutiva (BONILLA; RODRIGUEZ, 1995). Dentro dessa abordagem, perspectivas como a pesquisa ação participativa, que tem como objetivo incentivar as pessoas para a produção de conhecimento em que possam tomar medidas eficazes para melhorar suas condições, de acordo com Fals Borda (1986).

Nessa estrutura, desenvolvemos a sistematização de experiências, uma modalidade coletiva de produção de conhecimento sobre as práticas de um grupo social, nesse caso o MPA. Essa interpretação crítica do SAAP é para sua organização e reconstrução, reconhecer a lógica do processo vivido e os fatores que intervieram, como eles se relacionam entre si e por que o fizeram dessa maneira (JARA, 2010).

Em 2020 iniciou-se a reconstrução do processo com técnicas participativas, promovendo o diálogo com base na integração da teoria e da prática e o protagonismo dos participantes. Realizou-se uma organização das diferentes pessoas que participavam do SAAP naquele momento: quatro famílias camponesas, seis produtores urbanos, a equipe logística e política, conformada pelo pessoal do espaço do Raízes do Brasil, seis homens e sete mulheres, quatro homens, como amostra representativa, da cooperativa de taxistas que realizam o transporte das cestas e 12 compradores da cesta, nomeados cestantes, que estavam desde o início do projeto. Com essa organização foram feitas distintas metodologias, segundo seus tempos e níveis de incidência no SAAP. Com as famílias camponesas e produtores foram feitas seis visitas de campo e entrevistas semi estruturadas, com a equipe logística e política oficinas de ativação da memória, linhas do tempo e mesas-redondas, com os motoristas e cestantes questionários semi estruturados.

Um primeiro avanço foi o mapeamento dos produtores no estado do RJ, um documento interno com a descrição das famílias camponesas, seus produtos, formas de pagamento, necessidades para o apoio à produção. Além disso, o desenho do SAAP com suas fases, uma criação coletiva da equipe do Raízes como resultado das oficinas. Atualmente está na parte de escrita e aprofundamento dos processos que integram o SAAP, um documento feito a várias mãos para organizar a informação e resultados das oficinas, aprofundando nas fases do SAAP e dialogando com a teoria sobre o tema.

Resultados e Discussão

Uma das principais lições aprendidas com a reconstrução e a reflexão sobre o SAAP é que o caminho é feito à medida que se avança, e o nosso caminho é um sistema complexo circular aberto, articulando processos que têm envolvidos outras dimensões além da produção, como a cultura, formação política, educação e também variados sujeitos como mulheres, jovens, camponeses, moradores das cidades (Imagem 1). Os objetivos, além de levar o alimento saudável até a cidade, é reconhecer o processo e a história de quem produz os alimentos, dar sustentabilidade econômica ao movimento e ser uma expressão de soberania alimentar popular e autonomia dos territórios.



O processo tem diferentes momentos que acontecem simultaneamente de forma interdependente, para fins de explicação iremos adotar que ele “inicia” com o Sistema de Produção Camponesa (SPC). O SPC parte da relação com o território desde a perspectiva de Alimergia, “conceito que articula agricultura, pecuária e floresta e procura desenvolver formatos produtivos que integrem de maneira sinérgica a produção de alimentos e de energia com preservação ambiental” (LEAL, 2019).

Para o nosso SAAP resgatamos a primeira fase no (A) “*plantio e cultivo*” e (B) a “*coleta e armazenagem*”. Nestes dois momentos os camponeses fortalecem suas práticas agroecológicas e/ou iniciam processos de transição agroecológica com assessoria e acompanhamento do movimento. No processo do cultivo e colheita há saberes e conhecimentos envolvidos das comunidades, integrando cultivo de sementes crioulas, diversificação na produção, e a transição do uso de agrotóxicos convencionais para os bioinsumos. O campesinato e outros processos que fazem parte do sistema podem se inserir de diferentes formas, como famílias que fazem parte do MPA, de outros movimentos, produtores parceiros, cooperativas e agroindústrias, sendo que estas formas de inserção podem se misturar.

Em seguida, temos dois momentos que expressam a relação entre o campo e a cidade (D), o nível do planejamento da safra e dos cultivos das famílias camponesas em relação às necessidades das comunidades na cidade e a logística para o transporte. O primeiro chamamos de (C) “*articulação territorial para a distribuição dos alimentos*”, ela é feita especificamente com as famílias e cooperativas que fornecem produtos ao SAAP. Nessa etapa, juntamente com o coletivo de soberania alimentar do MPA do Rio de Janeiro, é definido os alimentos a partir das necessidades nas cidades e possibilidades e interesses de produção dos camponeses. Para além dos alimentos padronizados pelo mercado é um momento importante, que valoriza o trabalho do camponês, impulsiona a diversidade na produção de alimentos e questiona a intermediação da comercialização dos alimentos.

Na segunda fase temos a (E) “*logística de transporte*”, um espaço de encontro com os produtores com o objetivo principal do transporte dos alimentos para a cidade. A logística é feita através de duas modalidades: pelo sistema tradicional de transportadora terceirizada e o transporte próprio do MPA, sendo essa uma iniciativa que procura ganhar autonomia e independência logística frente às grandes empresas transportadoras que fazem parte do padrão produtivista dos impérios alimentares.

Essas quatro primeiras fases descritas acima são decisivas para a chegada dos alimentos à cidade e são uma expressão concreta do processo de abastecimento popular. Diferentemente dos mercados convencionais, que têm como características, centros de comando controlados a distância sobre extensas áreas, relações articuladas centro-periferia de dependência e apropriação centralizada de valores (PLOEG, 2014). Também nestas fases se aproveita para iniciar, fortalecer e estreitar o trabalho político, sendo que toda a atuação que inicia no campo até a logística tem um caráter político, dialogado e construído.

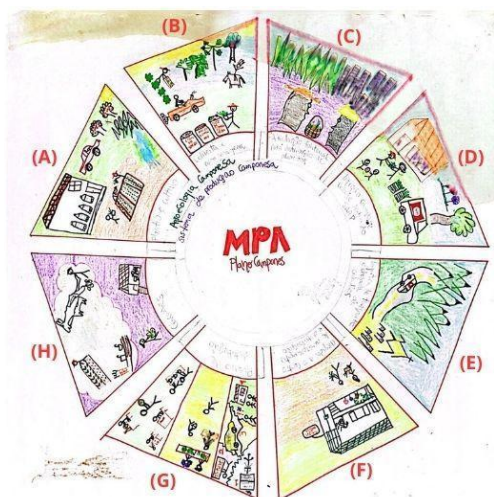
O processo de abastecimento é o seguinte momento e está conformada pela (F) “*chegada ao entreposto e os centros de armazenamento e distribuição*”. No caso



do Rio de Janeiro é o Raízes do Brasil, mas no sentido da logística pode ser qualquer espaço que tenha as condições físicas, logísticas e uma equipe de trabalho. O Raízes do Brasil é uma proposta do MPA com o objetivo de construir um espaço de diálogo entre campo e cidade sobre soberania alimentar e comida saudável através da gastronomia camponesa, cultura popular e debates sobre temas cruciais da política nacional. Especificamente na estrutura do SAAP o Raízes, por seu desenvolvimento e infraestrutura, oferece outras possibilidades, sendo um espaço que virou referência política para a militância e setores sociais.

Finalmente temos a (G) “*circulação do alimento*”, o SAAP organiza-se através de quatro formas de abastecimento. A primeira é a *Cesta Camponesa*, uma plataforma de comercialização online com alimentos *in natura* e processados com entregas de cestas de alimentos, tendo abrangência em toda cidade do Rio de Janeiro e Niterói, estas cestas são entregues aos cestantes (H) por uma cooperativa de taxistas do bairro, a Santaxi, através de uma parceria iniciada durante a pandemia e que ainda se mantém. A segunda modalidade são as *Feiras Camponesas*, que acontecem no espaço do Raízes do Brasil e em outros locais do Rio de Janeiro, permitindo um contato mais direto com os consumidores, e apresentação da proposta de soberania alimentar. A terceira é o *Café Camponês* que busca resgatar através da alimentação a cultura camponesa e as perspectivas do SAAP, sendo um espaço de atividades políticos-culturais e fortalecimento de relações de amizade e parcerias. A quarta e última frente é a proposta do *Mutirão Contra a Fome*, uma campanha nacional do MPA de arrecadação e distribuição de alimentos e de construção de Comitês Populares de Alimentos (CPA) formados pelos camponeses, movimentos e população do território da ação.

Imagem 1 - Desenho do SAAP elaborado pela brigada interna do Raízes do Brasil



Fonte: Brigada interna Raízes do Brasil (2020)

Conclusões

O exercício de pesquisa a partir da sistematização das experiências do SAAP nos permite, como membros do MPA, reconhecer nossos processos de organização política e refletir criticamente sobre nossas ações, dimensionando-as dentro de abordagens teóricas como circuitos curtos de alimentos, transição agroecológica,



comercialização de alimentos camponeses e territorialização. Isto além de qualificar nossos debates para a sociedade e melhorar nossos argumentos para a luta institucional, permite desenvolver no interior do movimento militantes com capacidade de criar e desenvolver seus próprios exercícios de pesquisa resgatando uma perspectiva de intelectual orgânico no movimento.

O SAAP é uma expressão de transformação do sistema alimentar que permite um maior reconhecimento da agroecologia a partir de uma perspectiva camponesa que está ligada a uma resistência e alternativa ao controle corporativo da produção de alimentos, por isso, nas quatro formas de circulação de alimentos, temos abordagens com ênfases que buscam o acesso a alimentos agroecológicos de setores populares, criando relações de respeito e confiança nos produtos, cortando a distância entre produtores e consumidores, e trabalhando no resgate de uma cultura da alimentação saudável que visibiliza a cultura brasileira e latino-americana com as histórias de seus povos.

O SAAP é um sistema complexo aberto com múltiplas interações que reconhece e torna visível que somos da mesma classe trabalhadora, por isso as fases que compõem o sistema são uma expressão organizacional que manifesta a divisão e a cooperação do trabalho e a aliança entre o campo e a cidade. Da mesma forma, o SAAP expressa a conflitualidade dos territórios na disputa entre os impérios alimentares e sistemas de abastecimento, em que a infraestrutura, como as estradas, e a composição geográfica são territorializadas, na perspectiva de Fernandes (2019) por movimentos sociais como o MPA.

Referências bibliográficas

BONILLA-CASTRO, Elsy.; RODRIGUEZ, Penelope. **La Investigación En Ciencias Sociales: Más Allá Del Dilema De Los Métodos**, Bogotá: Centro de Estudios de Desarrollo Económico (CEDE), 1995.

FALS BORDA, Orlando. **La investigación-acción participativa: política y epistemología**. En: Camacho. A (Comp.) *La Colombia de hoy, sociología y sociedad* (pp. 21-31). Bogotá, Colombia: Fondo editorial CEREC.1986.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regimes alimentares, impérios alimentares, soberanias alimentares, movimentos alimentares**. Revista Latinoamericana de Estudios Rurales, v.834, n. 7, p. 188–209, 2019

FLEXOR, Georges. *A Globalização do Sistema Agroalimentar e seus Desafios para o Brasil*. **Economia-Ensaio**, Uberlândia, v. 20, n. 21, p. 63-95, dez. 2006.

JARA, Oscar. **Trayectos y búsquedas de la sistematización de experiencias en América Latina**. 1959-2010. San José, Costa Rica. Ediciones del Centro de Estudios y Publicaciones Alforja. 2010

JARA, Oscar. **Orientaciones teórico-prácticas para la sistematización de experiencias**. Programa de Apoyo a la Sistematización –CEAAL. 2011

LEAL, Marcelo (org.). **Plano Camponês por soberania alimentar e poder popular**. Outras Expressões: São Paulo, 2019



MORIN, Edgar et al. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: gedisa, 1994.

PLOEG, Jan Douwe van Der. Peasant-driven agricultural growth and food sovereignty. *The Journal of Peasant Studies*, v. 41, n. 6, p. 999–1030, 2 nov. 2014.